

No "esforço concentrado", servidor é quem trabalha

Aglaé Lavoratti

Brasília — Quem realmente se esforçou nos três dias de "esforço concentrado" do Senado, que terminou quinta-feira à noite? Além dos líderes dos partidos, que definem politicamente a pauta, mais de 500 funcionários ficaram de plantão durante 72 horas, para a votação de pouco mais de 50 projetos (a maioria de empréstimos para os estados), em 12 sessões extraordinárias e três ordinárias.

Para realizar "esforço concentrado", os 69 senadores precisam da infra-estrutura dos setores de taquigrafia (108 funcionários), secretaria-geral da mesa (cerca de 80 funcionários), além da secretaria legislativa, setor de comissões, assessoria de atas, biblioteca, Prodasen (Serviço de Dados), além da segurança e motoristas, por exemplo.

Todos esses serviços precisam estar a postos quando a sessão começa e, por isso, os funcionários devem chegar pelo menos com uma hora de antecedência. Mas, depois que a sessão acaba, o trabalho continua, porque tudo precisa ficar pronto antes dos funcionários irem embora.

Os esforçados

O diretor da subsecretaria de taquigrafia, Paulo César Siqueira Birbeire, disse que seu setor é um dos mais atingidos num "esforço concentrado" porque o trabalho é desenvolvido não somente no plenário, mas também nas comissões.

Com isso, o trabalho dos 34 taquígrafos, apesar de divididos em duas turmas, é sempre corrido e cansativo. Eles possuem uma escala para o trabalho de plenário. Ficam, por dois minutos, acompanhando o colega que está tomando anotações de plenário. Depois, rendem o companheiro por dois minutos e, ao se retirarem, têm 30 minutos para datilografar as notas taquigráficas e retornar. Às vezes, dois, três, quatro senadores falam ao mesmo tempo, o que dificulta a tarefa deles.

Mas, quando não estão escalados para o plenário, os taquígrafos permanecem no setor registrando todas as discussões realizadas nas

16 comissões técnicas, que são gravadas e enviadas à taquigrafia. "Não temos hora, estamos sempre em alerta porque podemos ser convocados a qualquer momento", diz Birbeire, lembrando, por exemplo, o dia 1º de março, quando o Congresso iniciou seus trabalhos: os senadores solicitaram à taquigrafia todos os discursos que haviam sido gravados na televisão sobre o plano cruzado, anunciado a 28 de fevereiro.

— Convocamos todo mundo à noite e fizemos o trabalho — disse Birbeire, que não esconde, no entanto, a satisfação que tem com o trabalho e não se importa com os "esforços concentrados": "Esta semana, o esforço foi apenas um esforcinho. Já me aconteceu chegar atrasado ao meu próprio aniversário porque estávamos num esforço concentrado e eu não podia sair."

Plenário

Se a taquigrafia e os demais serviços mantêm-se de plantão fornecendo a infra-estrutura necessária ao funcionamento do "esforço concentrado", 20 funcionários ficam permanentemente no plenário, sem rodízio. São os mais úteis e os que mais correm.

É o caso do auxiliar de plenário Manoel Pinheiro Moura, que diz "amar" o seu trabalho. "Não faz mal se a gente sai tarde e tem que voltar cedo." O "seu" Moura, como é conhecido, trabalha nessa função, dentro do plenário, há 8 anos, mas é há 26 anos funcionário do Congresso.

Esses 20 funcionários, além de serem responsáveis pelo bom andamento dos trabalhos, ainda servem cafezinho, água, chá, levam recados para os senadores, fazem ligações telefônicas e esclarecem dúvidas, num vaivém constante, e não recebem horas extras, somente um adicional de no máximo oito sessões extras por mês. Na semana passada, foram realizadas mais de 12 sessões extras e a maioria dos projetos votados — cerca de 80% — consistia em pedidos de empréstimos ou de rolagem da dívida dos estados. Tudo por acordo de liderança, já que os senadores, independente de partidos, têm interesse em liberar recursos para seus estados, por causa do ano eleitoral.